

## SENTIR/OUVIR, PENSAR/EXPRESSAR, FAZER GEOGRAFIAS: MÚLTIPLAS TERRITORIALIDADES DE AFETO NO DIÁLOGO COM UM GRANDE GEÓGRAFO DA AÇÃO

**Rogério Haesbaert<sup>1</sup>**

Universidade Federal Fluminense (UFF)  
Rio de Janeiro, RJ, Brasil



Enviado em 15 abr. 2024 | Aceito em 2 jul. 2024

**Resumo:** Este artigo conjuga as dimensões afetiva e intelectual de nossa relação com Carlos Walter Porto-Gonçalves, considerado aqui um grande geógrafo da ação, tanto no sentido da ação concreta dos grupos e movimentos sociais quanto da ação transformadora dos afetos. Assim, múltiplas territorialidades (ou multiterritorialidades) são construídas, entre o sentir/ouvir, o pensar/expressar e o fazer geografias, no diálogo entre a rica contribuição de Carlos Walter e o nosso próprio trabalho, especialmente no que se refere ao território como processo, na "condução de condutas" que envolve não apenas a política no sentido tradicional mas sua ampliação para a esfera do "mais do que humano" que cada vez mais nos afeta e (des)territorializa.

**Palavras-chave:** Carlos Walter Porto-Gonçalves, território, multiterritorialidade, ação, afeto.

### SENTIR/ESCUCHAR, PENSAR/EXPRESAR, HACER GEOGRAFÍAS: MÚLTIPLES TERRITORIALIDADES DE AFECTO EN DIÁLOGO CON UN GRAN GEÓGRAFO DE LA ACCIÓN

**Resumen:** Este artículo conjuga las dimensiones afectiva e intelectual de nuestra relación con Carlos Walter Porto-Gonçalves, considerado aquí un gran geógrafo de la acción, tanto en el sentido de la acción concreta de los grupos y movimientos sociales como en el sentido transformador de los afectos. Así, se construyen múltiples territorialidades (o multiterritorialidades) entre el sentir/escuchar, el pensar/expresar y el hacer geografías, en el diálogo entre la rica contribución de Carlos Walter y nuestro propio trabajo, especialmente en lo que se refiere al territorio como proceso, en la "conducción de conductas" que implica no solo la política en sentido tradicional sino su ampliación hacia la esfera de lo "más que humano" que cada vez más nos afecta y (des)territorializa.

**Palabras clave:** Carlos Walter Porto-Gonçalves, territorio, multiterritorialidad, acción, afecto

### FEELING/HEARING, THINKING/EXPRESSING, MAKING GEOGRAPHIES: MULTIPLE GEOGRAPHIES OF AFFECT IN DIALOGUE WITH A GREAT GEOGRAPHER OF ACTION

**Resumen:** This article combines the affective and intellectual dimensions of our relationship with Carlos Walter Porto-Gonçalves, considered here a great geographer of action, both in the sense of the concrete action of social groups and movements, and in the transformative action of affects. Thus, multiple territorialities (or multiterritorialities) are constructed, between feeling/listening, thinking/expressing, and making geographies, in the dialogue between Carlos Walter's rich contributions and our own work, especially regarding territory as a process, in the "conducting of conducts" that involves not only politics in the traditional sense but its expansion to the sphere of the "more than human" that increasingly affects and (de)territorializes us.

**Keywords:** Carlos Walter Porto-Gonçalves, territory, multiterritoriality, action, affect

1. Professor Titular, Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense. E-mail: rogergeo@uol.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1345-7654>. Agradeço ao companheiro Valter do Carmo Cruz pelas contribuições, na leitura atenta dos originais deste artigo.

Um grande parceiro é aquele que, do nosso lado, nos ouve, nos acolhe, nos ensina e, ao mesmo tempo, abre portas para que avancemos à nossa própria maneira. Carlos Walter Porto-Gonçalves é um desses companheiros que marcam nossa vida tanto pelo afeto ou a paixão (também da t/Terra, como bem expressa o título de seu primeiro livro [PORTO-GONÇALVES, 1984]), quanto pelo saber ou pela razão. Pode-se dizer que o sentipensar de Fals Borda (1984) se desdobra aqui em um sentir/ouvir, pensar/falar/expressar e agir, um fazer que sintetiza a rica expressão de Carlos ao afirmar a “Geografia como verbo”, a ação de grafar a t/Terra (ao mesmo tempo terra-chão e Terra planeta [PORTO-GONÇALVES, 2017a]), nos múltiplos sentidos dessa escrita, material e simbólica, que, ao marcar o chão, apropria-se, concedendo-lhe significados e multiplicando afetos, a (multi)territorialização em seu sentido mais amplo, típica dos movimentos sociais em contextos geohistóricos latino-americanos.

Confesso que titubeei ao decidir sobre este artigo-depoimento. Não sobre o fato de escrevê-lo, pois disso não tinha nenhuma dúvida, mas sobre sua natureza. Como escrever um artigo em tributo de alguém que foi ao mesmo tempo um amigo do coração e um grande parceiro intelectual? Assim, não houve outra saída senão dividir estas linhas, mas em partes que, espero, ao final, revelem sua indissociabilidade.

Numa primeira parte, mais íntima (que também é retomada ao final), tomo a liberdade de reproduzir uma espécie de carta que escrevi a Carlos por ocasião de sua partida, menos de dois meses depois de minha ida a Florianópolis visita-lo – visita que já se prenunciava como uma despedida. Logo depois, relato pontos significativos de nossa trajetória acadêmica comum e o quanto dialogamos, de forma ora mais ora menos explícita. A seguir destaco os meandros (des-caminhos, diria ele) do território e de nossas múltiplas territorialidades, especialmente no sentido amplo (“multiterritorial”) de afeto colocado pelo título deste artigo: (multi)territorialidades a partir das quais sentimos (escutando), refletimos (falando), e construímos – lutando por novas bases territoriais muito mais iguais, justas e, portanto, comuns.

### Carta a um grande amigo

Escrevo estas linhas como se estivesse revivendo a visita que fiz há dois meses<sup>2</sup>, dois dias intensos compartilhando teu cotidiano de luta, ao lado de Marcia, esta companheira que também amo tanto.

Afeto de amigo não se explica. Já disseram por aí ser o mais genuíno, pois nada pede em troca – se é que pode existir ato humano assim, que nada espera ... já que nossa vida é sempre, também, carência e espera(nça). Nossos bons afetos se revigoram nos momentos em que estamos juntos, encontro festivo, acadêmico ou de dor, não importa. Afeto de amigo condensa tudo isso, e por isso mesmo nos fortalece.

Nunca esqueço quando selamos a franqueza dessa amizade num longo papo na volta de um dos vários eventos de que participamos, desta vez no Acre – a terra que te consagrou como grande intelectual-ativista, através de Chico Mendes e dos seringueiros (sintetizado no teu livro-tese “Geografando – Nos Varadouros do Mundo”, com que, lembro agora, presenteei Doreen Massey e ela tanto apreciou).

Carlos, foste sempre um mestre das palavras e neste nosso último encontro, mesmo debilitado, rememoraste com entusiasmo algumas de tuas tantas (re)descobertas etimológicas que, com tua aguda intuição, tanto nos legam para o repensar do espaço e de nossas lutas.

---

<sup>2</sup> Em julho de 2024.

Lembro da importância de ter lido (Des)caminhos do Meio Ambiente e Paixão da Terra, nos anos 1980-90, numa trilha crítica nada ortodoxa da Geografia, abrindo nossos olhos ao mesmo tempo para a questão ecológica que então emergia e aos novos paradigmas a ela associados, Edgar Morin e a complexidade à frente.

Lembraste também tua jornada acadêmica, muito mais que acadêmica (pois nunca foi com a carreira a tua luta), trilhando sempre a íntima vinculação entre os movimentos sociais e a terra/território. Muitas idas e vindas, crises e superações, marcam essa tua/nossa jornada. O que disseste para a Geografia, ainda nos tempos de ditadura, "A Geografia está em crise, viva a Geografia!", vale para nossas vidas. Vida individual que, para ti, vaidades pessoais à parte (que estas, temos todos), sempre foi conjugada no coletivo. Foste sempre muito mais um ser dos coletivos, tentando ignorar, até, às vezes, os limites físicos impostos pelo próprio corpo.

Estavas debilitado, mas teus olhos brilhavam e tua voz voltava ao mesmo tom incisivo e firme de tuas aulas e palestras quando retornávamos à Geografia, ao território e seus múltiplos movimentos. Como numa de tuas palestras, ou aulas, parecia que não querias mais parar de falar. Impressionante teu dom da oratória, do discurso. Inveja boa pra quem, como eu, exige sempre algum apontamento ao lado. Como foi bonito te ver outra vez animado, e disposto, apesar de tudo, a continuar outra de tuas paixões, o contato com orientandos e alunos, agora como professor visitante na Universidade Federal de Santa Catarina. A memória desta tua força não tem preço.

Despedi-me com um beijo e um abraço apertado, controlando o marejado nos olhos, que fluiu, depois, não teve jeito, no carro, junto com Márcia, rumo ao aeroporto – Marcia, esta outra guerreira, inteligente, engajada e atenta, ao mesmo tempo firme e afetuosa, teu esteio de segurança e amor. Nas tantas viagens, se ela não te acompanhava, não esquecias uma lembrança, um artesanato que ela apreciava, no cuidado sempre tão carinhoso com a casa.

Nosso convívio fora da universidade não foi tão frequente quanto gostaríamos (casas distantes, de Botafogo, no Rio, a Itaipu), do outro lado de Niterói, mas cada encontro, num almoço, aniversário ou show (de Zeca Baleiro) era suficiente pra renovar a força do nosso carinho e revelar tua leveza e generosidade no cultivar desta amizade.

Carlos, não sei mais o que digo, meu amigo. Nem é preciso dizer, pois há momentos em que o sentir se impõe, para ouvir apenas a voz mais profunda que nos cala. Paixões da terra, do mar, do ar, das contradições do humano e das forças do mais do que humano... nisso andamos ainda mais juntos, paixão por nossas geografias, por nossos geógrafos, que era, como dizias sempre, a Geografia plural e em ação, continuamente transformada/transformadora.

## Interlocuções

Conheci Carlos Walter através de sua obra, especialmente seu conhecido artigo "A Geografia está em crise, viva a Geografia", comunicação apresentada em 1978 no 3º Encontro Nacional de Geógrafos, em Fortaleza, e do qual participei, ainda como estudante de graduação na Universidade Federal de Santa Maria. A base materialista histórica deste texto representou um dos marcos na renovação crítica do pensamento geográfico brasileiro.

Meu contato mais direto com Carlos se deu ao assumir a grande responsabilidade de substituí-lo na disciplina de Teoria da Geografia na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, quando do término do meu mestrado na UFRJ, em 1986. Nosso vínculo de fato se fortaleceu após sua entrada na Universidade Federal Fluminense, em 1987. Logo nos identificamos intelectualmente: ele, com seu marxismo heterodoxo, capaz de fazer Thompson dialogar com a teoria da complexidade de Morin, nos incitava a fugir dos dogmatismos e escutar a voz/o saber dos subalternizados; eu, investindo nas abordagens de Foucault e Deleuze & Guattari, além de Gramsci, nosso interlocutor

comum. Mas foi a partir da primeira década deste século que teríamos nossa interlocução mais direta, quando Carlos, que sempre aliou o trabalho acadêmico com intenso envolvimento nos movimentos sociais, tornou-se pioneiro na discussão do pensamento sob a ótica descolonial na Geografia brasileira e, muito provavelmente, também, latino-americana.

Nesse intercâmbio generoso, devo-lhe muito, como sei também o quanto aprendemos juntos. Carlos admirava meu trabalho e afirmava que nos complementávamos, ele mais intuitivo e ativista, eu, como ele dizia, “articulador de conceitos”, mas com certeza sempre compartilhando os mesmos afetos, seja na amizade, seja na paixão comum pela Geografia. Em 2006 convidou-me para escrevermos juntos o livro “A nova des-ordem mundial”, pela editora da UNESP (confesso que não foi fácil sintetizar o longo capítulo que ele escreveu). Com seu estímulo e de outros colegas mais jovens, inseri-me de forma mais intensa nos movimentos sociais e conheci o grupo Modernidade/Colonialidade, tendo sido apresentado por Carlos ao trabalho de Walter Mignolo através do livro “Histórias locais, poderes globais”. Juntamente com Carlos Vainer, da UFRJ, eu, Carlos Walter e Valter Cruz organizamos em 2013 um grande evento, o IV Encontro da Cátedra América Latina e Colonialidade do Poder, reunindo alguns dos grandes nomes nesse debate, como Anibal Quijano, Alberto Acosta, Catherine Walsh e Edgardo Lander.

A eloquência de Carlos Walter era conhecida por todos que tinham a oportunidade de conviver com ele, seja como amigo, parceiro intelectual ou aluno. Seus textos eram um pouco o reflexo dessa capacidade de “dizer”, ou melhor, de “geografar” o mundo. Com facilidade, passava de um tema a outro sem perder a força e o arrebatamento. Esse caráter “oral” da escrita, contudo, podia pecar, às vezes, por certa redundância e/ou ofuscamento de algumas fontes, que acabavam ficando (não propositalmente, é claro), em segundo plano. Lembro de alguns de nossos longos papos em que ele, muito mais comunicador que eu, era ocasionalmente interrompido por alguma referência que eu fazia questão de acrescentar. Carlos, assim, nem sempre explicitando, dialogou com muitos autores. Era um leitor voraz, e generoso no compartilhamento de novidades que, especialmente através de suas tantas viagens pela América Latina, frequentemente descobria. Trocávamos muitas ideias, sobretudo através das tantas bancas que, juntamente com o colega Valter Cruz, compartilhamos. Devo a Carlos, também, a difusão de meu livro “O mito da desterritorialização” em língua espanhola, indicado para seu amigo Enrique Leff recomendar para publicação pela editora Siglo XXI, no México, em 2011, abrindo assim as portas dessa editora, onde também, em 2019, foi publicado o livro “Viver no limite”.

Não é demais lembrar aqui a força da “Geografia como verbo” defendida por ele, e que permite identificá-lo como um geógrafo da ação, tanto no sentido analítico (bem além de uma Geografia da ação como a de Benno Werlen) quanto prático-político, em seu intenso comprometimento com os movimentos sociais (ou socioterritoriais, se quisermos). O espaço geográfico e o território se colocam como conceitos-chave. Para ele – num discurso que nos permitia férteis diálogos – “uma das questões centrais que se apresenta nos dias de hoje diz respeito, exatamente, às novas grafias da terra, aos novos limites territoriais e, como a definição de limites é a própria essência da política, é toda a questão dos protagonistas que está em jogo” (PORTO-GONÇALVES, 2002, p. 309).

Ele, sob inspiração de autores como Bourdieu e Arendt, nos recorda ainda que protagonista é aquele que principia a ação e que, em uma sociedade que se pretende democrática, a ação de grafar a terra vai muito além do protagonismo dos gestores, do Estado. Ela se estende a todo grupo/classe que busca dar significado à vida prática por intermédio dos múltiplos processos de des-re-territorialização.

## Múltiplas territorialidades no sentipensarexpressarfazer geografias

Carlos Walter, como um grande – se não nosso maior – geógrafo da ação, nunca foi simplesmente um geógrafo “acadêmico”. Seu laboratório, o LEMTO (Laboratório de Estudos de Movimentos Sociais e Territorialidades [lemto.uff.br]) – que de lento tinha pouco, dado o dinamismo de seu coordenador, congrega(va) estudantes de diferentes regiões brasileiras e países latino-americanos. Por partilharmos praticamente o mesmo espaço, com salas que optamos por manter geminadas, com frequência usufruíamos de debates comuns, com alunos participando dos dois núcleos de pesquisa. A partir do usufruto desse afeto cotidiano, construíamos múltiplas territorialidades sobre as quais tanto refletimos.

Sua visão de geografia – ou geografias, no plural – como geo-grafar, “declinada em um tempo verbal em movimento” (PORTO-GONÇALVES, 2017b, p. 20), aparece de forma cabal em sua tese de doutorado, depois livro, “Geografando: nos Varadouros do Mundo – da territorialidade seringalista (o seringal) à territorialidade seringueira (a reserva extrativista)” (PORTO-GONÇALVES, 2003) [a propósito, ver artigo de Glauco Bruce neste dossiê]. Nela ele sistematiza e aprofunda a relação entre Geografia, conflito e movimentos sociais. Seu envolvimento com a luta dos seringueiros levou-o a um laço profundo com Chico Mendes (ambientalista emblemático, assassinado em 1988) e Osmarino Amâncio [que o homenageia em depoimento neste dossiê]<sup>3</sup>. Nesta obra Carlos diz ter superado “a ambiguidade entre o ativista e o geógrafo” (2017b, p. 21). É aí que o autor trabalha de modo mais articulado uma de suas expressões fundamentais, a “tensão de territorialidades”, no confronto entre estratégias e táticas de duas formas de pensar e fazer o território: aquela desde cima, a partir do aparato estatal hegemônico, e aquela desde baixo, a partir da luta dos movimentos sociais, no caso, dos seringueiros na defesa das reservas extrativistas.

Entusiasta, também, da ideia de multiterritorialidade (que elaborei inicialmente em 1997 e desdobrei em “O mito da desterritorialização” [Haesbaert, 2004])<sup>4</sup>, Carlos Walter foi um crítico do eurocentrismo e um defensor de uma nova “geopolítica do conhecimento” (Mignolo, 2003), múltipla, onde o pensamento e as práticas políticas latino-americanas têm um papel decisivo<sup>5</sup>. Isso sem menosprezar, de modo algum, a riqueza do pensamento europeu, no qual tanto se pautou (começando por Edward Thompson, um de seus grandes inspiradores nos anos 1980<sup>6</sup>).

A essas múltiplas territorialidades epistêmicas soma-se a multiplicidade de manifestações territoriais a partir das diversas contribuições culturais-ambientais latino-americanas, com ênfase àquelas das etnias indígenas e dos afrodescendentes (sejam eles quilombolas [Brasil], palenqueros [Colômbia] ou maroons [Caribe]). O reconhecimento e o profundo diálogo com os “outros saberes” de grupos e classes subalternizadas, a começar pelos seringueiros, permite que falemos do caráter múltiplo de sua abordagem territorial para além da diferenciação externa entre territorialidades representativas de identidades culturais distintas. Deve-se considerar também a multiplicidade interna a cada uma dessas territorialidades, na medida em que incorporam o jogo entre formas

<sup>3</sup> Nesse sentido, cabe lembrar que em 2004 Porto-Gonçalves recebeu o Prêmio Chico Mendes em Ciência e Tecnologia do Ministério do Meio Ambiente brasileiro.

<sup>4</sup> Carlos Walter também estava atento a essa proliferação do multi, inter e/ou trans: “... por todo lado são usados os prefixos inter, trans ou multi indicando que as fronteiras, sejam elas epistêmicas, sociológicas ou geográfico-políticas, se é que podemos separá-las, são mais porosas do que se acreditava” (Porto-Gonçalves, 2002, p. 217). Para um debate sobre a distinção e vinculação entre esses prefixos, ver nossa reflexão em Haesbaert, 2021 (especialmente pp. 333-338).

<sup>5</sup> Analisamos essa abordagem descolonial em sua obra, especialmente a partir da perspectiva do território, no livro “Território e descolonialidade” (Haesbaert, 2021a, pp. 150-155).

<sup>6</sup> Thompson (1981), especialmente através de seu conceito de experiência, auxiliaria Carlos Walter a, em suas palavras, “superar certo marxismo estrutural-funcionalista que tanto mal viria fazer à Geografia e que subestima a importância da experiência e da cultura, vistas como superestrutura” (Porto-Gonçalves, 2017b, p. 8-9).

próprias, ao mesmo tempo de sentir/ouvir, expressar/falar e (re)construir/(re)fazer, concretamente, seus territórios.

Fals Borda (1984) fala de um sentipensar, enfatizando essa indissociabilidade, principalmente entre os saberes tidos como subalternizados de Abya Yala/Afro/Latino América<sup>7</sup>. Trata-se de uma simbiose entre paixão (em sentido amplo) e razão, presentes através de um saber construído a partir de uma sensibilidade que, aqui, é vista sobretudo como uma afetividade ambiental (Giraldo e Toro, 2020), ou melhor, de uma profunda afetividade geográfica que se dá “entre peles”, de outros viventes e do próprio corpo da t/Terra. Como dizem Giraldo e Toro, é preciso:

... reconocer que el encuentro en lo que llamamos “ambiente” [em sentido mais amplo, espaço geográfico] no se da entre sujetos, y menos entre sujetos y objetos, sino entre pieles, entre membranas diversas que se tocan, en un enlazamiento afectivo de cuerpos compuestos de múltiples mezclas, que experian su universo gracias a su afectividad encarnada. (2020, p. 11)

A esse sentipensar, justamente por estar imerso numa “afetividade encarnada” – e não apenas por uma “efetividade objetificada”, é necessário acrescentar o sentir/ouvir, o pensar/expressar e o fazer que dão título a este artigo. É como se a ação, tão enfatizada na obra de Carlos Walter, fosse ampliada através da corporificação dos afetos que ela implica – ação, ao mesmo tempo política, econômica, cultural e ambiental, como a capacidade de afetar e ser afetado pelos diferentes corpos que, partindo do nosso, próprio, em distintas escalas, compõem nosso(s) mundo(s)

Em primeiro lugar, acrescentar “ouvir” ao “sentir” significa lembrar que um dos nossos sentidos fundamentais – e um dos mais difíceis de serem devidamente exercidos – é o ouvir. Quando se trata de escutar (e aprender com) os saberes historicamente subalternizados, isso se torna ainda mais necessário e também desafiador. Costumamos afirmar que esses grupos/classes são invisibilizados, que seus corpos/espacos não são vistos, ou são ocultados, mas se trata também de que foram como que silenciados, emudecidos, negados em suas vozes, pelo que expressam oralmente e/ou em palavras. Suas territorialidades, assim, não só devem ser sentidas pela visão, pela materialização da cultura em suas paisagens, mas também por suas vozes, a riqueza de sua oralidade, de seus sons (seu sotaque, sua música), além do paladar e dos odores de seus alimentos e das fragrâncias de suas plantas, enfim, dos múltiplos sentidos (inclusive o tato corpóreo) conjugados na rica densidade de seus ambientes vividos.

Todos esses múltiplos sentidos/afetos combinados permitem que pensemos essas territorialidades pela dimensão afetiva que também empodera (Hutta, 2020) – ou seja, mesmo que se mantenha o foco na interação espaço-poder ao se falar de território, é de uma concepção ampliada de poder que se trata. Lembrando a definição de poder em Michel Foucault (2013), associada à capacidade de, social e/ou individualmente, “conduzir condutas”<sup>8</sup>, é óbvio que, ao incutir determinados sentimentos/afetos, conduziremos a ação de muitos – quem sabe (sens)ações como as que envolvem a difusão do medo, hoje, não sejam mais mobilizadoras do que as ações de violência concreta, militarizada. A política contemporânea que o diga.

A partir de nossa pesquisa de doutorado, no (des)encontro entre gaúchos e baianos nos cerrados, ressaltávamos essa dimensão afetiva do território:

... um processo efetivo de territorialização, que reúne uma dimensão concreta, de caráter predominantemente “funcional”, e uma dimensão simbólica e afetiva. (...) o território deve ser

<sup>7</sup> Termo proposto por Arturo Escobar (2016) e que Carlos Walter releu com um viés brasileiro como América Latina/Abya Yala/Qulombola (Porto-Gonçalves, 2015).

<sup>8</sup> Cruz (2020), também inspirado em Foucault, afirma que “a abordagem territorial pensa e problematiza a geograficidade a partir das práticas de governo do/no espaço, as práticas da ação sobre ação do outro” (p. 147).

visto na perspectiva não apenas de um domínio ou controle politicamente estruturado, mas também de uma apropriação [em termos lefebvrianos] que incorpora uma dimensão simbólica, identitária e, porque não dizer, dependendo do grupo ou classe social a que estivermos nos referindo, afetiva. (HAESBAERT, 1997, p. 41)

“Dessubstancializando” o território (de sua condição de simples “recurso”, poderíamos afirmar) e inspirado em posições como essa e a de Claude Raffestin, Porto-Gonçalves (2002) também considera território uma “categoria espessa que pressupõe um espaço geográfico que é apropriado”. Neste caso, apropriação equivale à territorialização e “enseja identidades – territorialidades – que estão imersas em processos sendo, portanto, dinâmicas e mutáveis, materializando em cada momento uma determinada ordem (...)” (pp. 310-311). Sua alusão a um “espaço de referência identitária” como a reserva extrativista para os seringueiros, traduz outro conceito que estabelece um diálogo possível com outras esferas geográficas de construção identitária, como a que estudamos no latifúndio de pecuária extensiva como espaço de referência para a construção da identidade gaúcha (HAESBAERT, 1988)<sup>9</sup>. Interessante, neste caso, é que essa identificação é ambivalente, podendo tanto favorecer a preservação do latifúndio pelos “gaúchos hegemônicos” quanto estimular agricultores sem terra a reivindicarem a reforma agrária na Campanha gaúcha (ao invés de migrarem para outras regiões do país).

Voltando à dimensão afetiva do território, ela aparece associada a diferentes processos de significação/simbolização, compondo assim uma densa expressividade, característica já evidenciada como constitutiva do território na leitura de Deleuze e Guattari (que falavam em “territórios expressivos e funcionais”)<sup>10</sup>. A partir daí podemos falar de um pensar/refletir sobre/com e de um expressar-se que alia ao mesmo tempo a emoção e a razão, traço tão enfático entre culturas de nossa Abya Yala/Afro/Latino América – até mesmo, embora com hegemonia do “polo racional”, naquelas de origem latina (especialmente quando comparadas às anglo-saxônicas).

Por fim, mas não dissociado, temos o fazer/construir, ou melhor, o (re)fazer/(re)construir que permite o surgimento não apenas de novas territorialidades (que, no nosso ponto de vista, podem permanecer no campo da representação ou do imaginário – como no caso da “terra sem males” dos guarani mbya), mas também de novos territórios, concretamente produzidos. É assim que, na conjugação entre o sentir/ouvir, o pensar/expressar (“falar”) e o fazer/construir temos a realização de complexas dinâmicas de des-re-territorialização, de algum modo lembrando as tensões de territorialidades evidenciadas por Porto-Gonçalves em sua vivência e nas proposições políticas envolvidas com a criação de reservas extrativistas na Amazônia<sup>11</sup>. Sentir/ouvir os seringueiros, pensar e expressar seus dilemas, permitiria assim, num refletir/agir-com, propor e construir novas territorialidades, mais significativas e mais autônomas.

Essa conjugação sentipensarfazer também está implícita nos debates sobre limites e front/fronteira, frequentemente abordados pelo autor. Ao dar importância às “grafias da terra” não haveria como ignorar a força dos limites territoriais – para ele, a “essência da política”. Ao se reportar à polis como “limite” e à política como “arte de definir limites” (PORTO-GONÇALVES, 2002, p. 300), pode-se dizer que a própria crise do Estado é, em diversos sentidos, a crise de seus limites – ou, se quisermos, até mesmo de suas fronteiras, admitindo hoje, cada vez mais, especialmente no caso

<sup>9</sup> Para sermos fiéis à origem do termo, citamos nesse trabalho Bernard Poche e seu artigo de 1983, “La région como espace de référence identitaire” (revista “Espaces et Sociétés” n. 42).

<sup>10</sup> Segundo Deleuze e Guattari (2002), o território, antes de ser funcional, “possessivo”, é “um resultado da arte”, expressivo, dotado de qualidades de expressão.

<sup>11</sup> Apesar de ter se dedicado também a estudar outros biomas e/ou regiões brasileiras, a Amazônia, como bem demonstra o artigo de Valter do Carmo Cruz neste dossiê, foi o espaço geográfico que correspondeu à principal base empírica das pesquisas de Carlos Walter, tendo-lhe dedicado, além de sua tese, mais específica, vários livros e artigos.

latino-americano, a sobreposição de limites/regulações, como aquelas impostas pelo narcotráfico e pelas milícias<sup>12</sup>.

Porto-Gonçalves nos lembra reiteradamente que a fronteira carrega como pressuposto o “front”, a prática “frontal” de estabelecer (e expandir) limites – tanto os limites jurídicos mais abstratos da lei quanto os limites materiais de controle de distintas circulações, especialmente dos “cidadãos” nacionalmente territorializados. Assim:

As fronteiras, enquanto limites, trazem nelas mesmas o front, seja ele diplomático ou militar, que as instituem. A fronteira é, quase sempre a consagração de uma determinada correlação de forças políticas e, como tal, tende a estender o front que a engendrou, naturalizando-a. E não olvidemos o front interno, onde as lutas pela definição dos limites se fazem mais sutis [...]. (p. 323) As fronteiras comportam o front e trazem consigo, sempre, a memória das lutas que as engendraram. Portanto, mais do que o espaço absoluto dos territórios soberanos dos Estados modernos [e seus limites como linhas com passagens claramente definidas] destacamos seu caráter aberto (poroso) e contraditório, tanto no front interno quanto no front externo. Há, sempre, por trás do instituído o processo instituinte e, no caso da fronteira, o limite explicita o seu caráter essencialmente político. (2002, p. 351-352)

Desse modo, podemos afirmar, pela reconfiguração (que pode incluir a confusão) de limites é que se traduzem multiterritorialidades. Numa afirmação mais genérica (abstraindo a grande diversidade de situações geo-históricas), o Estado moderno-colonial, enquanto legitimador dos interesses empresariais, da propriedade privada e da violência policial/ militar, tem como uma de suas principais razões de ser a universalização de um comando de base territorial exclusivista, sem “vazios” ou “terras de ninguém” (*terra nullius*) e sobreposições. Ele proclama a linearidade dos limites como princípio norteador da ideia de fronteira e das práticas de fronteirização.

É interessante recordar aqui que a atual proliferação de fronteiras (MEZZADRA e NIELSON, 2016) aparece contraditoriamente conjugada com a “sociedade em rede” (CASTELLS, 1999) da fluidez e da pretensa desterritorialização. O “mito da desterritorialização” vem acoplado à difusão de múltiplos processos de (re)territorialização, processo que se intensificou, levando autores como Achille Mbembe a falarem de uma exacerbada – e brutal – fronteirização.

Mbembe (2021) define fronteirização como “o processo pelo qual os poderes deste mundo continuamente convertem certos espaços em lugares intransitáveis para determinadas categorias de pessoas” (p. 76), dentro de uma dinâmica contraditória de gestão da violência. Fronteiras geopolíticas seriam “apenas a parte visível de dispositivos e instalações [...], que surgiram em resposta à questão do que fazer com os fluxos de dejetos, isto é, com a humanidade excedente. [...] As fronteiras e outras instalações também são plataformas de supertriagem. Os corpos-fronteiras [corpos-território e suas distintas “peles”, pode-se acrescentar] compõem esses mundos de dejetos.” (2021:158) Pelbart, por outro lado, afirma que fronteirização:

... é o elemento que traça incessantemente novas fronteiras, triagens, interdições, reclusões [contenções, acrescentaríamos], enclaves, campos, expulsões, e com frequência é dirigida contra populações cujo meio foi previamente destruído e para quem, com razão, em algum momento só resta a fuga – é como se transformam estrangeiros em enjeitados por toda parte. (2020, p. 7)

Mas não se trata apenas de uma fronteirização em um sentido negativo, construída por grupos hegemônicos legais e/ou ilegais em dinâmicas marcadas pela violência e o brutalismo (para utilizar outro termo de Mbembe). Trata-se também, inspirando-nos nas contribuições de Porto-Gonçalves e ampliando-as, de uma fronteirização de re-existência (HURTADO e PORTO-GONÇALVES, 2022).

<sup>12</sup> Num sentido ampliado, limites, segundo o autor, são definidos por um – para todos – na tirania, por poucos, na oligarquia, e por todos – para todos os cidadãos – na democracia. “Assim, para os gregos, pólis e política se pressupõem, assim como cidade e cidadania” (PORTO-GONÇALVES, 2002, p. 300).

Frente às fronteiras excludentes da dominação, que, sem fugir de imbricações complexas, pretendem separar, afastar, temos várias modalidades de resistência como formas não só de continuar existindo<sup>13</sup> mas, igualmente, de fundar outras formas de existência, ancoradas não somente em territórios zonais, como aqueles impostos pelo padrão estatal, mas também em rede, capilares ou rizomáticos, compostos de articulações transescalares fortalecedoras de movimentos sociais alternativos, como no caso, bem conhecido, das conexões globais do movimento zapatista. Nessas territorialidades múltiplas, fronteiras podem ser vistas como peles que reforçam bons afetos, utopias menores que, quem sabe, somadas, contribuam também para um processo revolucionário. Como afirmam Giraldo e Toro, poderia ser...

... una revolución que, además de insistir en la transformación radical de las relaciones materiales, político-económicas y tecnológicas del conjunto de la sociedad, atienda con toda la seriedad posible la dimensión afectiva, sensible y sintiente de nuestro Estar en el mundo. Cualquier revolución que quiera ir hasta las entrañas de la destrucción planetaria deberá ser ante todo una revolución ético-política y estético-poética que reincorpore la potencia del cuerpo, y que ponga en primer plano la sensibilidad, los sentimientos, las emociones, la estética y la empatía. (2020, p. 23)

Compreender a multiplicidade territorial implica assim admitir a multiplicidade de poderes, inclusive daqueles envolvidos nas emoções ou afetos, e, conseqüentemente, a multiplicidade de controles/limites/fronteiras bem como as diversas bases físico-naturais com as quais se constroem territórios. Carlos Walter sempre foi um geógrafo muito sensível a essas diferenciações “ambientais”, e um dos pioneiros no trato da questão ecológica na Geografia brasileira, mesmo em tempos em que o espaço geográfico era tido como um espaço eminentemente cultural ou mesmo sinônimo de espaço social (social este que, muitas vezes, se confundia com espaço econômico).

A diversidade ambiental, juntamente com a especificidade cultural dos povos originários e afrodescendentes, sempre foi um componente indissociável na concepção de território para Porto-Gonçalves. Assim, para ele o território pode ser visto “como categoria que reúne natureza e cultura através das relações de poder sobre as condições materiais da vida”. Ao reunir natureza e cultura “[esses grupos/classes sociais/etnias/povos/nacionalidades] desnaturalizam o conceito de território”, visto “até então como ‘base natural do Estado’”. Dessa forma, “no mesmo estado territorial habitam múltiplas territorialidades” e “não há território que não seja fruto de um processo de territorialização entre diferentes sentidos – territorialidades – para estar com a terra. Enfim, tensão de territorialidades” (PORTO-GONÇALVES, 2015, p. 7-8). Em um diálogo com as lutas concretas pelo território, mais especificamente em relação ao povo miskito, na Nicarágua, ele afirma:

... vemos o protagonismo dos povos originários e dos afrodescendentes reconfigurando as lutas camponesas que passam cada vez mais a incorporar novas dimensões, como a natureza, a cultura e o território. Ou melhor, o território enquanto natureza e cultura, enfim, enquanto territorialidade. (2013, p. 167, tradução livre)

Mas ao explicitar a natureza não estaríamos ampliando demais nossas concepções de território e (multi)territorialidade? Pode-se pensar, ao contrário, que explicitar as bases naturais do território é uma forma de relativizar nosso conceito a partir de uma visão mais acurada das “relações sociais de poder” que o constituem. Assim como o poder nunca esteve tão imbricado com as chamadas forças da natureza, jamais um poder “humano”, ou melhor, “socialmente produzido” pode ser considerado, isoladamente, nosso grande “condutor de condutas”, como diria Foucault.

---

<sup>13</sup> Nesse sentido, pode-se lembrar aqui um termo da moda, “resiliência”, como simples adaptação a novas condições ou mesmo um retorno a uma situação anteriormente existente e considerada mais estável.

Hoje, cada condução de condutas realizada entre os homens, ou melhor, entre os grupos e classes sociais que os constituem, depende do agir mais do que humano (ou social) de forças que estão muito além da nossa capacidade de, conduzindo condutas, construir espaços – sem que essas forças deixem de ser, ao mesmo tempo, também, consequência de toda a nossa ação, pretens(ios)amente ilimitada, de grafar (e dilacerar) a terra. Ou seja, todo geógrafo da ação que se preze, como Carlos, deve considerar essa iner-ação sociedade/cultura e natureza, através das múltiplas formas (e territorialidades) que afetamos/alteramos e pelas quais somos intensamente afetados/transformados.

## Palavras finais

Essas múltiplas territorialidades evocam, antes de mais nada, “o mundo em que caibam muitos mundos” zapatista, movimento com que tanto Carlos Walter dialogou. Podemos apontar até mesmo a própria ampliação atual da concepção de política, tratada por Fausto (2000), por exemplo, em sua “cosmopolítica dos animais”, como “a sustentação do mundo por todos os seres” (p. 318) – ou, em outras palavras, o sustento e a proteção/o cuidado de todos os modos de vida, na construção de outros, melhores, mundos possíveis Daí nossa afirmação de que:

Ao invés da mais violenta desterritorialização – o terricídio, empreendida face a grupos que vivem a mais íntima conjugação sociedade-natureza, devemos lutar pela defesa da multiplicidade não apenas dos modos de vida, mas de todo o complexo não-humano e dito inanimado que compreende nosso ecúmeno. Sobre essa base múltipla e dinâmica e sobre esse pluriverso de culturas/naturezas, diversificado e ao mesmo tempo articulado em diferentes escalas, é que podemos desdobrar uma nova (bio)política ou um novo “governo” das (multi)territorialidades, combatendo a mono-cultura e a anti-natureza de um sistema cada vez menos comprometido com o reconhecimento dessa diversidade, humana e não-humana [ou melhor, mais do que humana], corporificada nos territórios. (HAESBAERT, 2021b, p. 17)

Assim, nossa proposta aqui, em diálogo com um grande geógrafo que não separava suas reflexões intelectuais de suas implicações prática e de seu comprometimento político, enfatizou um sentir/ouvir, um pensar/expressar e um fazer/construir geografias, que une diversos saberes na mesma vinculação – que é também afeto – com as diferentes territorialidades que precisamos (re)construir, cuidar e defender. A ausência/presença de Carlos Walter entre nós incita-nos a repensar, sentir de outra forma e refazer esses vínculos e esses compromissos.

Finalizando, retomo e reproduzo as últimas linhas daquela carta com a qual iniciei este texto, e que escrevi ao visitar Carlos em Florianópolis em julho do ano passado. Ela talvez conjugue de outra forma, mais profunda, o reconhecimento intelectual e o afeto que tanto marcaram o nosso convívio.

Querido Carlos, queria ter feito outras visitas, mas não haverá mais tempo, dizem que a vida se foi. Ou será que o que se foi é apenas espaço, corpo, e o tempo permanece, envolto em nossas memórias? Não, aprendemos bem que espaço e tempo são inseparáveis. Mas para onde foi o corpo, o sorriso, o gesto, o olhar, a fala, o beijo e o abraço? Também se transfiguraram em memória? Falam em ancestralizar. Stedile, num gesto tão digno, te fez reviver na terra, pelo plantio de uma árvore [ato que também repetimos, com tuas cinzas, junto ao prédio do Instituto de Geociências, à beira da baía de Guanabara e, pelas mãos de Samuel Brito, nos cerrados do oeste baiano, e de Osmarino Amâncio, na floresta amazônica de uma reserva extrativista no Acre].

O ativista colombiano Manuel Rozental, do coletivo “Pueblos en camino”, em seu tributo póstumo, constatou: “Se alguém foi capaz de ser, sendo território, este alguém é Carlos Walter, porque ele entendeu que a geografia é fazer-se com a mãe Terra e merecer ser seu filho” [Bruno Malheiro desdobra essa ideia em seu artigo neste dossiê]. O grande líder indígena Ailton Krenak, por sua vez, afirmou:

Que brilhe intensamente a estrela desse nosso irmão Carlos Walter. Semeando em matéria para reluzir em memória e afetos de todos que viveram as lutas e sonhos de outras humanidades.

Se a grande questão da existência humana é ter consciência de nossa insignificância no universo e, ainda assim, inventar/lutar por um significado relevante para ela, Carlos abraçou tanto a convicção da nossa pequenez diante da imensa natureza do universo, enfrentando essa incógnita com altivez, quanto a construção de um significado digno e generoso para esta vida, dedicada aos “de baixo”, aos mais sofridos, explorados/oprimidos e invisibilizados, irmanados na mesma paixão pela terra e pelo território.

Carlos amava a terra, construindo através de sua diversidade seu território, seja no seringal da floresta, nos fundos de pasto e assentamentos dos cerrados, nas vazantes de povos ribeirinhos ou numa caatinga quilombola. Carlos era da cidade e do campo, da montanha e da planura, do grande sertão e das veredas, dos campos, das matas e das águas. Carlos retorna agora para onde mais amava, re-existindo na terra feita território, território-Terra, casa maior em torno da qual todos se irmanam, e são (ou deveriam ser) acolhidos. Assim nos confortamos, prosseguindo as lutas do nosso maior geógrafo da ação, dos rincões esquecidos, dos povos emudecidos, da utopia das diferenças que alimenta nossos sonhos por outros mundos/territórios possíveis.

Carlos, querido amigo, aguarde, ainda vou te visitar outro dia.

## Referências

- Castells, M. (1999) *A Sociedade em Rede* (A Era da Informação, Vol. 1). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Cruz, V. C. (2020) Da produção do espaço ao governo do espaço deslocamentos metodológicos para uma abordagem territorial. In: Limonad, E. e Barbosa, J. L. (orgs.) *Geografias: Reflexões Conceituais, Leituras da Ciência Geográfica, Estudos Geográficos*. São Paulo: Max Limonad.
- Deleuze, G. e Guattari, F. (2002) *A Thousand Plateaux: capitalism & schizophrenia*. Londres: Continuum.
- Escobar, A. (2016) Desde abajo, por la izquierda y con la Tierra: la diferencia de Abya Yala/Afro/Latino-América. In: Gudynas, E. et al. *Rescatar la esperanza: más allá del neoliberalismo y el progresismo*. Barcelona: Entre Pueblos.
- Fals-Borda, O. (1984) *Historia doble de la Costa*. Bogotá: Carlos Valencia Editores.
- Fausto, J. (2020) *A cosmopolítica dos animais*. São Paulo: n-1.
- Foucault, M. (2013) O sujeito e o poder. In: Rabinow, P. e Dreyfus, H. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica* (para além do estruturalismo e da hermenêutica). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Giraldo, O. e Toro, I. (2020) *Afectividad ambiental: sensibilidad, empatía, estéticas del habitar*. Chetumal: El Colegio de la Frontera Sur / Universidad Veracruzana.
- Haesbaert, R. (1988) *RS: Latifúndio e identidade regional*. Porto Alegre: Mercado Aberto.
- Haesbaert, R. (1997) *Des-territorialização e identidade: a “rede gaúcha” no Nordeste*. Niterói: EdUFF.
- Haesbaert, R. (2004) *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Haesbaert, R. (2021a) *Território e descolonialidade: sobre o giro (multi)territorial/de(s)colonial na “América Latina”*. Buenos Aires: CLACSO; Niterói: Programa de Pós-Graduação em Geografia.
- Haesbaert, R. (2021b) A corporificação “natural” do território: do terricídio à multiterritorialidade da terra. *GEOgraphia* v. 23, n. 50.
- Hurtado, L. e Porto-Gonçalves, C. W. (2022) Resistir y re-existir. *GEOgraphia* v. 24, n. 53.
- Hutta, S. (2020) Territórios Afetivos: cartografias do aconchego como cartografias de poder. *Caderno Prudentino de Geografia*, 42(2).
- Mezzadra, S. e Nielson, B. (2016) *La frontera como método: o la multiplicación del trabajo*. Buenos Aires: Tinta Limón.
- Mignolo, W. (2003 [2000]). *Histórias locais / Projetos Globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Editora da UFMG.
- Pelbart, P. (2020) Biopolítica e brutalismo em chave estratégica. *Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis*, Florianópolis, v. 17.
- Porto-Gonçalves, C. W. (1984) *Paixão da Terra: ensaios críticos de Ecologia e Geografia*. Rio de Janeiro: Socii.
- Porto-Gonçalves, C.W. (2002) Da geografia às geo-grafias: um mundo em busca de novas territorialidades. In: Ceceña, A.; Sader, E. (Org.). *A guerra infinita: hegemonia e terror mundial*. Petrópolis: Vozes, Rio de Janeiro: LPP e Buenos Aires: Clacso, 2002.
- Porto-Gonçalves, C. W. (2003) *Geografando: nos varadouros do mundo – da territorialidade seringueira (o seringal) à territorialidade seringalista (a reserva extrativista)*. Brasília: IBAMA.
- Porto-Gonçalves, C. W. (2015) Pela vida, pela dignidade e pelo território: um novo léxico teórico político desde as lutas sociais na América Latina/Abya Yala/Quilombola. *Polis* n. 4.
- Porto-Gonçalves, C. W. (2017a) Luchas por la tierra, Luchas por la Tierra. In: Alimonda, H. et al. (orgs.) *Ecología política latinoamericana: pensamiento crítico, diferencia latinoamericana y rearticulación epistémica*. Buenos Aires: CLACSO e Ciccus; México: Universidad Autónoma Metropolitana.
- Porto-Gonçalves, C. W. (2017b) *Uma Geobiografia Teórico-Política: em busca de uma teoria social crítica a partir da Geografia* (Memorial para concurso de Professor Titular). Niterói: Universidade Federal Fluminense, Departamento de Geografia. (inédito)
- Thompson, E. P. (198). *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar.